

Do Acesso à Alfabetização Crítica: A Cultura Digital da Pessoa Idosa como Ferramenta Contra a Segregação Tecnológica

Willian Garcez Lino Nunes¹

Luciano Silva Gomes²

RESUMO

O presente trabalho discute a falsa premissa de que a posse de dispositivos móveis garante a inclusão digital da pessoa idosa, argumentando que a ausência de um letramento tecnológico crítico configura uma nova forma de segregação social. O objetivo é analisar como o ensino de Cultura Digital pode emancipar esse público, transformando o uso passivo da tecnologia — muitas vezes atrelada a símbolos de status — em apropriação utilitária e consciente. A metodologia adotada baseia-se na experiência prática de ensino desenvolvida no projeto de extensão universitária UNITERCI, em parceria com o Instituto de Tecnologia da Universidade Federal do Pará (ITEC/UFPA). As aulas focaram na desmistificação do ambiente digital, abordando desde lógicas estruturais de aplicativos até noções de segurança da informação. As discussões indicam que o mercado tecnológico prioriza o consumo em detrimento da funcionalidade acessível, vulnerabilizando o idoso. Conclui-se que projetos de extensão voltados à educação tecnológica são fundamentais para romper a barreira da exclusão, promovendo autonomia, segurança e reinserção social ativa da terceira idade no ambiente democrático.

Palavras-chave: Cultura Digital; Inclusão de Idosos; Segregação Tecnológica; Extensão Universitária.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma era de hiperconexão onde o acesso a dispositivos móveis, como smartphones, foi massificado, atingindo todas as faixas etárias. Contudo, no contexto da terceira idade, a simples posse do aparelho frequentemente não se traduz em inclusão digital. Este estudo parte da premissa de que o acesso sem a devida alfabetização crítica cria uma "falsa inclusão", atuando como um mecanismo invisível de segregação social. O mercado de tecnologia, ao priorizar o consumo de aparelhos como símbolos de status e privilégio, muitas vezes negligencia a utilidade real e acessível dessas ferramentas para usuários mais vulneráveis.

O idoso é frequentemente inserido no ambiente digital de forma passiva, o que gera insegurança, dependência e exposição a riscos, como desinformação e fraudes financeiras. Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir a experiência do ensino de Cultura Digital como uma ferramenta de emancipação, utilizando como base prática as ações desenvolvidas no projeto de extensão UNITERCI (Universidade da Terceira Idade), em parceria com o ITEC/UFPA. O texto que se segue detalhará as abordagens metodológicas utilizadas em sala de aula para desmistificar a tecnologia, a fundamentação teórica sobre como ela pode ser um vetor de exclusão e as considerações sobre o impacto do letramento crítico na autonomia dos alunos.

¹ Graduando em Engenharia Elétrica pela UFPA. Bolsista PROEX/UFPA, e-mail: Willian.nunes@itec.ufpa.br

² Doutor em Serviço Social pela UFRJ. E-mail: mouro003@gmail.com

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de natureza descritiva, estruturado sob a forma de um relato de experiência. O contexto de observação e intervenção ocorreu durante as atividades práticas do projeto de extensão Universidade da Terceira Idade (UNITERCI), desenvolvido em parceria com o Instituto de Tecnologia (ITEC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). O público-alvo foi composto por idosos matriculados nas oficinas de Cultura Digital do projeto.

Para alcançar o objetivo de emancipar tecnologicamente esses alunos, a metodologia de ensino adotada rompeu com o modelo tradicional de instrução baseada na memorização mecânica, o simples "onde clicar". Optou-se por uma abordagem pedagógica dialógica e participativa, fundamentada no letramento tecnológico crítico. As aulas foram organizadas em módulos temáticos progressivos que simulavam demandas e riscos reais do cotidiano digital: o funcionamento estrutural dos smartphones, a lógica de coleta de dados pelos aplicativos, a identificação de links maliciosos e *fake news*, e o uso seguro de ferramentas financeiras e de comunicação.

A dinâmica dos encontros priorizou a problematização do uso da tecnologia. Antes de executar uma tarefa no aparelho, promovia-se uma roda de conversa para desmistificar a "caixa preta" do dispositivo, reduzindo a ansiedade e o medo frequentemente associados ao receio de danificar um equipamento de alto custo ou de ser vítima de fraudes. A avaliação do processo ocorreu de forma contínua e formativa, por meio da observação participante, registrando as mudanças de comportamento, a superação de bloqueios e o ganho de autonomia relatado pelos próprios idosos durante a execução das atividades propostas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E/OU DISCUSSÕES

A introdução acelerada das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no cotidiano consolidou o mito da democratização universal baseada na simples aquisição de *hardwares*. No entanto, a tecnologia frequentemente atua como um vetor invisível de segregação social e exclusão. O mercado de dispositivos móveis estrutura-se na lógica do consumo de símbolos de status e privilégios de classe, obscurecendo a utilidade prática das ferramentas. Para a pessoa idosa, essa dinâmica é particularmente perversa: o indivíduo adquire smartphones de ponta para não se sentir obsoleto, mas é abandonado à margem do letramento tecnológico necessário para operá-los criticamente.

À luz do pensamento de Paulo Freire, o ensino meramente instrumental da tecnologia, que ainda prevalece na sociedade, assemelha-se à "educação bancária". Nesse modelo, o idoso é tratado como um sujeito passivo, um mero receptáculo de comandos mecânicos ("clique aqui", "arraste para o lado"), sem que haja a compreensão da lógica por trás da ação. Estabelece-se, dessa forma, a arquitetura de uma falsa inclusão. O usuário, ao não dominar a "caixa preta" do dispositivo, torna-se refém da ferramenta, o que agrava sua vulnerabilidade diante de fraudes virtuais e desinformação. A falta de criticidade digital isola a terceira idade da participação democrática, perpetuando a exclusão sob a ilusão da conectividade.

Para romper essa estrutura, é necessário aplicar o que Freire defende na *Pedagogia da Autonomia*: a educação como prática para a liberdade e emancipação. As discussões e resultados observados a partir das oficinas de Cultura Digital no UNITERCI evidenciam que uma transposição didática baseada no diálogo e no letramento crítico subverte a lógica segregacionista do mercado. Ao invés de decorar botões, os alunos são convidados a "ler o mundo" digital. A partir dessa mudança de paradigma, notou-se uma transição expressiva no comportamento dos discentes. Os idosos superaram os bloqueios e o medo de "estragar o aparelho", passando a adotar uma postura de questionamento consciente. A apropriação tecnológica, através da extensão universitária, deixou de figurar como um símbolo de status para se materializar como um instrumento de cidadania, devolvendo a independência e viabilizando a reinserção social ativa desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A superação da exclusão digital na terceira idade exige mais do que a simples inserção de dispositivos móveis no cotidiano desses sujeitos; demanda um compromisso educacional contínuo e emancipador. As vivências no projeto UNITERCI demonstram que, ao substituir a instrução mecânica por um letramento tecnológico crítico, o idoso deixa de ser um consumidor passivo de ferramentas — muitas vezes impostas como meros símbolos de status — e passa a se apropriar da tecnologia com autonomia, propósito e segurança.

Conclui-se que a superação da "caixa preta" tecnológica não apenas previne a vulnerabilidade a fraudes financeiras e campanhas de desinformação, mas atua diretamente no combate à segregação social invisível. O idoso que compreende a lógica do ambiente digital retoma seu poder de agência e participação na sociedade. Projetos de extensão universitária firmam-se, portanto, como pontes vitais de democratização, provando que a verdadeira inovação tecnológica só atinge seu potencial máximo quando é fundamentada na inclusão cidadã e na pedagogia da autonomia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

SILVA, Elaine Feitosa da. Envelhecimento e Inclusão Digital: autonomia e empoderamento à luz da pedagogia crítica freireana. **Revista Praksis**, Novo Hamburgo, v. 3, p. 87-100, 2020.

ILVA, C. Educação popular, educação ao longo da vida e o letramento digital de pessoas idosas: entre elos e contradições. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 40, 2024.